

A POESIA E A CRÍTICA DA CRÍTICA

Antônio Henrique Gouveia*

O livro de Renato Suttana *João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade* (Scortecci, 2005, 280 p.) provém de um trabalho ao mesmo tempo sério, reflexivo, ousado, em suas três faces. Nesse corpo com três rostos, duas faces são visíveis: uma que aborda a poética de João Cabral de Melo Neto, o qual divulga suas idéias do que seja a arte literária e de como lê-la ou interpretá-la. A outra face visível é aquela que dá voz aos críticos que estudaram esta poética expressa nos poemas e nos textos do poeta recifense e o fizeram tão bem quanto investigaram (em seus trabalhos críticos, teóricos ou teórico-críticos) as ligações do autor com o modernismo e a modernidade. Em suma, nesta segunda face visível, Renato Suttana faz uma análise da fortuna crítica da obra de um poeta singular e do modo como a crítica recebe e ruma os versos e a prosa teórico-crítica do autor de *Morte e vida severina*.

Há, contudo, uma terceira face, esta invisível, que me parece a mais interessante: uma avaliação de uma certa atitude crítica, ou mesmo da Crítica, de toda a crítica e suas conseqüências, que merecerá maior atenção neste espaço. Antes, porém, devo advertir que é uma tarefa para todos, que se disponham a ler este estudo, a necessidade de desvendar como os críticos interpretam os versos e como eles tomam o significado da prosa do poeta sobre seus versos, sobre a poesia de uma maneira geral, sobre o modernismo e sobre a modernidade.

Renato Suttana leva os intérpretes do lírico nordestino para o campo aberto dos conflitos em torno dos significados na obra e na sua crítica. A investigação que ele promove em nossa crítica canônica tem vários aspectos para os quais qualquer leitor estudioso dos fenômenos literários precisa atentar. Há aqui uma coragem tão discreta que somos obrigados a fazer reparos à sua contenção, pois aquilo que se quer apresentar como uma mera revisão da crítica de um certo poeta brasileiro do século XX vem a ser muito mais que o título desse livro sugere.

Para além de uma avaliação das interpretações que se fizeram da poesia cabralina desde o primeiro livro, *Pedra do sono*, o livro em questão discute ou coloca em evidência os conceitos de poesia e de crítica, as relações entre uma e outra e mais todo o percurso que ambas fizeram até o presente.

O estudo de Renato Suttana diz respeito ao velho dilema da essência e da existência do poético lírico (e, em conseqüência, na extensão, do poético-ficcional, do poético narrativo, etc., e da crítica que se quer mais do que simples leitura de poesia ou de outros gêneros).

A frase que introduz o trabalho – “este é um livro sobre a crítica literária e, indiretamente, sobre a poesia” – me parece revelar melhor a verdade das suas intenções e conseqüências. Há, pois, um contraste entre a análise do que alguns críticos brasileiros afirmaram ou de como eles configuraram a interpretação do poeta pernambucano, de um lado; e do outro lado, o interesse legítimo de Renato Suttana de colocar os juízos dos exponenciais João Alexandre Barbosa, José Guilherme Merquior, Haroldo de Campos,

* Antônio Henrique Gouveia (pluridata@uol.com.br) é escritor e professor na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e nas Faculdades Campo Real, em Guarapuava-PR, autor de *Superação dos impasses filosóficos e científicos no rumo civilizatório*.

Antonio Houaiss, Benedito Nunes, Luiz Costa Lima, Othon Moacyr Garcia e Antonio Candido, sob o crivo da razão estética. Nisso, seus princípios e sua argumentação são extremamente relevantes na medida em que este estudo arrola questões que toda essa crítica não evidenciou, e, se evidenciou, não o fez com a propriedade do roteiro da revisão aqui comentada.

De fato, essa crítica da crítica vai além dos juízos que querem iluminar; há aqui a vontade de considerar a origem dessa luz que tanto esclarece quanto oculta. O convívio tumultuado entre a arte de poetar e a arte de criticar experimenta uma situação paradoxal, em que a desconfiança inteligente – tão analítica, quanto sintética, de Renato Suttana – nos provoca: se o poeta se esforça em elaborar sentidos através de poemas, em que estes sentidos são lançados e seus leitores os capturam sem arrogância, os críticos, que se precipitam no corpo a corpo com estes sentidos, fazem isso levando certos sentidos a perderem-se enredados naquilo que poderíamos chamar um tanto que pejorativamente de construção poética do crítico.

Os sentidos outros, e não tão exclusivos quanto os do crítico, se evaporam de um modo quase irrecuperável, porque os críticos rastreiam – automaticamente – sentidos, mas permanecem alheios ao *sublime*. Isso, que a crítica em torno do “fator formalista” ignora, está para a arte em geral e arte poética em particular como o ar está para a vida; independente do que se entenda por *sublime*, todos podemos concordar que o lirismo tem uma essência, que é tanto forma quanto conteúdo e mais alguma coisa sobre a qual podemos fazer um acordo para desenhar ou delinear uma possível essência.

O professor, o poeta e o pesquisador Renato Suttana, com severa acuidade, na sua luta com os sumos sacerdotes da nossa crítica, não apenas nos adverte a cerca das impropriedades dos reducionismos perpetrados ou dos riscos na permanência dos juízos constantes, automáticos ou pré-fabricados, geralmente alheios ao fato de que atribuem novidades a fenômenos que somente ganharam tonalidades ou realces atualizadores, atualizados. Juízos, em geral, que não respeitam a necessidade original da poesia nas vozes dos poetas e das declamações, quando o que de mais vivo revive ou deveria reviver. Isto sempre, isto toda vez que uns e outros acionam os sentidos da razão sentimental, da retórica dos versos ou simplesmente poemas – os sentidos da razão lírica.

Renato Suttana polemiza com santos lugares e figuras da crítica moderna – aquela que se impôs desde o século XIX e que imaginou transformar-se no século XX. Para entender suas reivindicações, é preciso colocar nossa civilização nos trilhos em que ela nasceu – um entroncamento de linhas lógicas, éticas, retóricas, estéticas, poéticas. Nessa confluência, os gregos – naquilo que *diagnosticavam* – já previam a *realização*, de tal maneira que o conhecimento nunca lhes foi mera teoria. A poesia se realiza pelo sublime que traz, que é, que põe. Porta-o, comporta-o. É a reivindicação básica do nosso crítico dos críticos, como se dissesse: não levem muito longe ou a sério o estudo – a crítica – nem desprezem a poesia do sublime que a crítica só atinge sob certas condições. A poesia tem um *quê* na sua *realização* – que a faz mais que fôrma ou forma: *sublime*. Façamos, então, a crítica aí, por aí, que a leitura do poema sem arrogância ou soberba já sabe fazer.

Diante desse exame rigoroso encetado com uma firme convicção, nossa crítica canônica não tem do que se queixar ou espernear, pois ela tem os mesmos pressupostos acadêmicos de Renato Suttana. Ele me parece que vai mais longe na medida em que não fica apenas em torno do aspecto descritível da poesia. Há aqui interrogações que saem por todos os poros dessa obra, questões que são colocadas e recolocadas e que foram

precedidas por uma reflexão responsável, criteriosa e qualitativamente exaustiva. Nosso autor escolheu o lado mais difícil para escalar a íngreme montanha da crítica da crítica: *reapresentar* o poético mais uma vez à crítica, que, às vezes, permanece indiferente à necessidade de ver na poesia um conjunto de fenômenos estéticos e não um simplesmente desvio lingüístico.

A leitura desse trabalho nos infunde tranquilidade e confiança no futuro dos estudos literários, pois ele mostra vicejar entre nós uma atitude bem mais conseqüente a respeito das “relações entre poesia e crítica”, atitude esta que permanece preocupada em “imaginar a possibilidade de uma superação”, quando a crítica proclama novidades que não passam de “reiteração de certas constantes”. Isto tudo implica em “reavaliar o que há tempos se tem imposto como evidência”.

É certo que a reavaliação exigida e esperada transcende a obra e a sensibilidade de João Cabral de Melo Neto; aqui o próprio Renato Suttana vislumbra “manter o julgamento em suspenso, adiando o momento de chegar ao poético como estratégia de compreender melhor o ambiente em que o poético é invocado – ambiente cuja extensão total não estaria em nossas forças medir.”